



Poucas e Boas da mari

www.poucaseboasdamari.com

Entrevista com Célio Turino, idealizador dos Pontos de Cultura no Brasil

POUCAS E BOAS DA MARI - Célio, você foi o idealizador dos Pontos de Cultura. Um dos conceitos dos Pontos é, que “ao invés de entender a cultura como produto, ela é reconhecida como processo.” A luta dos Pontos de Cultura, para fugirem das amarras do sistema de mercado, será constante? Ou você acredita que essa luta terá um vencedor?

CÉLIO TURINO - A ideia do Ponto de Cultura é que ele seja um mediador entre dois mundos, o mundo dos Sistemas (Estado, Mercado) e o mundo da Vida. Para tanto busquei desenvolver a teoria do programa Cultura Viva (do qual o Ponto de Cultura é parte, como sedimentador da rede) com o seguinte tripé: Autonomia, Protagonismo e Empoderamento, que se potencializam na articulação em rede, no momento em que os Pontos se relacionam entre si. Quando o tripé é efetivado há condições para acontecer o equilíbrio (Sociedade/Estado/Mercado). Claro que isto tudo é uma teoria e que está em processo, ou seja, ainda é necessário perseverar muito, pois há muito trabalho pela frente.

PBM - Em 2009, você lançou o livro “Ponto de Cultura - O Brasil de Baixo para Cima”. Como foi o processo de criação do livro?

C.T. - Escrevi o livro ao longo de meu trabalho como Secretário no Ministério da Cultura (2004/2010), neste período visitei mais de 600 localidades culturais do país, desde aldeias indígenas, quilombos e assentamentos rurais, até grupos de arte experimental, universidades, núcleos de pesquisa erudita ou ONGs em favelas. E fui coletando histórias que julguei mais ilustrativas para demonstrar toda a teoria do Cultura Viva de modo a compartilhar estas experiências com os leitores. O livro também apresenta a teoria do programa, descrição de passos e, ao final, me coloco na história e revisito minha própria trajetória de vida, de modo a entender como cheguei a esta solução. Diria que o livro é uma mistura entre ensaio, crônicas e autobiografia.

PBM - Em seu livro, Emir Sader escreveu: “Os Pontos de Cultura são o bolsa família das identidades, dos valores, dos significados e da imaginação criativa dos que são maioria, mas tinham se tornado minoria silenciada.” Os críticos do Bolsa Família o chamam de política

Entrevista realizada por Mari Valadares – MTB: 43.155/SP.

Site Poucas e Boas da Mari – www.poucaseboasdamari.com

Imprima se necessário. Preserve o meio ambiente.



Poucas e Boas da mari

www.poucaseboasdamari.com

assistencialista. Essa sua comparação pode transformar, na “boca” desses mesmos críticos, os Pontos de Cultura em uma política assistencialista?

C.T. - Concordo com ele neste sentido de comparar o Ponto de Cultura enquanto uma ação estratégica para o desenvolvimento da cultura feita pelo povo (da erudita à popular). Quanto ao assistencialismo, o Ponto de Cultura é o oposto disto, pois a sua força está em identificar a potência do fazer cultural existente nas comunidades. O assistencialismo caminha em sentido inverso, pois se implanta a partir da noção da carência, da falta. O que tem chamado atenção de pesquisadores e governos em todo o mundo é exatamente esta diferença em que acontece uma política pública feita de baixo para cima, o que não é comum.

PBM - Você está para lançar outro livro. Pode falar sobre esse novo projeto?

C.T. - Por sinal terminei a escrita há menos de uma hora. É um alívio! Por isso mesmo estou conseguindo me debruçar sobre suas perguntas com mais leveza. Quer dizer, ainda falta a revisão final antes da diagramação e elaboração do livro, mas a escrita está pronta. Ufa! É sobre arte e o desenvolvimento de pessoas com síndrome de down. Dediquei-me a ele nos últimos meses, tendo visitado várias experiências que agora relato. Escrevi a pedido do Instituto Olga Kos, de São Paulo. Até o final do ano o livro estará publicado. Agora já posso voltar à escrita de um romance, que eu havia iniciado, mas interrompi para realizar esse livro, espero que as pessoas gostem.

PBM - Como está o diálogo entre o Governo Federal e os movimentos socioculturais nesse início de mandato?

C.T. - Há mais de um ano saí do governo federal e não tenho acompanhado muito, até por causa deste meu ofício de escrever e dar aulas. Mas pelo que tenho visto, há certa frustração e insatisfação com o andar das coisas.

PBM - Estão em voga as discussões sobre os direitos autorais e essas discussões, colocaram o Ministério da Cultura numa “arena de gladiadores”. O MinC, que nunca foi foco, hoje é o centro das atenções midiáticas. Essa exposição é positiva ou apenas enfraquece a reformulação de uma lei de direitos autorais ideal? Em tempos de inovações tecnológicas, internet, é possível falar em proteção das obras artísticas? Ou é algo irreversível?

C.T. - Com o governo do Presidente Lula e o Ministro Gilberto Gil, o MinC ganhou um novo destaque no cenário; de certa forma, toda esta polêmica em torno de políticas culturais é

Entrevista realizada por Mari Valadares – MTB: 43.155/SP.

Site Poucas e Boas da Mari – www.poucaseboasdamari.com

Imprima se necessário. Preserve o meio ambiente.



Poucas e Boas da mari

www.poucaseboasdamari.com

resultado destes avanços. No tempo que estive no ministério realizamos duas conferências nacionais de cultura, a última com mais de 200.000 participantes, as Teias dos Pontos de Cultura, levando milhares de pessoas, os encontros de cultura digital, as consultas públicas sobre projetos; enfim, a Cultura finalmente entrou na pauta política nacional. Ainda falta conquistar muito espaço mas espero que esta seja uma realidade que, espero, veio para ficar. Com isso as pessoas já não aceitam passivamente a definição de políticas, é o que acontece em relação ao Direito Autoral e também em diversos outros temas. Especificamente em relação às políticas de proteção ao direito autoral eu diria que não há como pensar com os olhos voltados para o passado, temos que entender este momento histórico, as novas mídias e a necessidade de compartilhamento do conhecimento. Da minha parte, como autor, digo que meu último livro já foi editado em [Creative Commons](#) (e saiba que vendeu mais que o anterior - Na Trilha de Macunaíma - que é em *copyright*). O que devemos buscar é um equilíbrio de direitos entre criador e público, se bem que até este conceito de público está se desfazendo.

PBM - A grande mídia, principalmente o rádio e a TV, tem um alcance absurdo na sociedade. Qual o papel dessa mídia na formação cultural das pessoas? Ou o único papel dela é entreter?

C.T. - Esta é a grande questão, Cultura ou Entretenimento. Eu diria até que esta diferenciação conceitual deveria ser mais precisa, até para balizar políticas de financiamento da cultura, no caso da Lei Rouanet. E é claro que neste processo não há como pensar em Cultura sem levar em conta a comunicação, uma depende da outra (uma cultura só acontece quando comunicada, transmitida para outrem, e uma comunicação só existe quando transmite uma cultura), são irmãs gêmeas. O problema é que a indústria e a avidez pelo lucro fácil separaram essas irmãs.

PBM - No dia 19 de maio de 2011, o jornalista Luiz Carlos Azenha, em seu blog Vi o Mundo, publicou o texto [“O Ministério da Cultura oferece: Disney On Ice”](#), sobre o patrocínio do MinC ao espetáculo *Disney On Ice*. Em um trecho, Azenha escreve: “O Ministério da Cultura, aquele que nos livrou dos imperialistas do Creative Commons, promove com dinheiro público a patinação do Mickey e da Minnie!”. Essa atitude do MinC distancia a construção de políticas públicas essenciais para a cultura do país?

C.T. - Gosto dos comentários do Azenha, mas não tinha lido este, bem perspicaz. Está aí um bom exemplo da necessidade de fazer uma distinção entre Cultura e Entretenimento, não faz sentido utilizar renúncia de impostos para o financiamento de algo assim. Mas atento para o fato de que a Lei Rouanet tal como está prevê este tipo de financiamento, ou seja, não é um

Entrevista realizada por Mari Valadares – MTB: 43.155/SP.

Site Poucas e Boas da Mari – www.poucaseboasdamari.com

Imprima se necessário. Preserve o meio ambiente.



problema só da atual gestão. Com a reformulação da lei Rouanet e o PróCultura esta situação tende a diminuir.

PBM - Para finalizar, como você vê a políticas culturais daqui pra frente?

C.T. - Ainda há muito por fazer. Por isso mesmo deveríamos nos ater à etimologia da palavra Cultura, que remete a Cultivo (do latim, Colere) e cultivo é processo e tem que ser constante, quando interrompido o seu desenvolvimento é fatal. A novidade é que hoje contamos com novos atores sociais se interessando e debatendo a cultura.